

A Clínica Psicanalítica Frente às Transidentidades Não-Binárias¹

Eden Queiroz de Oliveira²
Marck de Souza Torres³

Resumo: O presente estudo objetiva discutir diferentes perspectivas de psicólogos de orientação psicanalítica no que se refere às questões das transidentidades não-binárias a fim de explorar os desafios da clínica psicanalítica contemporânea em relação ao atendimento dessas pessoas. Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com sete profissionais. Os dados foram analisados utilizando o Método de Interpretação dos Sentidos para identificar contextos, razões, lógicas de falas e interrelações narradas pelos participantes. Os resultados indicaram acentuadas contratransferências, sendo possível verificar o distanciamento dos analistas em relação a essas demandas, recorrendo a uma suposta neutralidade ética. Conclui-se a necessidade de abandonar conjunturas isolacionistas a fim de permitir o reconhecimento e a emancipação das pessoas não-binárias.

Palavras-chave: Clínica Psicanalítica. Transidentidades Não-binárias. Gênero. Sexualidade.

¹ Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela bolsa de iniciação científica concedida para primeira autora desse trabalho.

² Psicóloga pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2471-3569>. E-mail: edenhvn@gmail.com

³ Pós-doutorando no Programa de Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos (PPGSP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0717-982XE>-mail: marcktorres@ufam.edu.br

Antes mesmo do nascimento, os corpos já se encontram prefigurados dentro de um contexto discursivo específico, já que o ato de atribuir um sexo ao recém-nascido não simplesmente o revela, mas o produz (CFP, 2023). Diante disso, Laqueur (2001) explora a concepção de sexo baseada em uma diferença anatômica resultante de uma perspectiva política e historicamente construída sobre os corpos e subjetividades, onde o dimorfismo sexual pode ser entendido como um produto cultural que enfatiza as diferenças biológicas para sustentar uma hierarquia estabelecida ao longo da história.

Money (1955) introduziu o conceito “gênero” para descrever a diferença sexual a partir de uma abordagem clínica e diagnóstica, definindo gênero como uma identidade psicológica e um papel social. Seu objetivo era explorar intervenções hormonais e cirúrgicas para ajustar corpos de bebês com características genitais consideradas ambíguas, entretanto, essa dimensão médica e biotecnológica foi subestimada pelas teorias feministas do final do século XX, que reutilizaram o termo para analisar a opressão das mulheres de forma a reforçar uma perspectiva de que o sexo é um aspecto biológico invariável, enquanto o gênero denota uma diferença cultural, social e política (PRECIADO, 2018).

Butler (2015) argumenta que tanto o sexo quanto o gênero são construções moldadas pela cultura, história e sociedade, dado que o gênero abrange a estrutura de formação e estabelecimento das categorias de sexo e consiste em uma série de elementos discursivos e culturais que contribuem para a criação de um conceito de “sexo natural/biológico” em um domínio presumivelmente anterior à cultura. Portanto, o sexo desempenha um papel central na construção da distinção binária de gênero por meio de suas práticas reguladoras que estabelecem conexões entre sexo, gênero, sexualidade e desejo (AYOUCH, 2017).

Assim, o conceito de transgeneridade proposto por Bernini (2011) engloba pessoas que não se identificam com o gênero atribuído a elas no nascimento. Isso vai além das categorias de gênero tradicionais, incluindo os gêneros não-binários, que

podem adotar uma variedade de identidades de gênero. Essas pessoas não se limitam a ser exclusivamente homens ou mulheres, mas exploram formas diversas de identificação de gênero, como neutralidade, ambiguidade e multiplicidade (DOS REIS; PINHO, 2016).

O universo das transidentidades não-binárias abarca algumas dessas identidades que produzem certa “desorganização das regras que governam sexo/gênero/desejo” (BUTLER, 2015, p. 54), desafiando a estrutura dicotômica masculino/feminino. Neste contexto, pessoas não-binárias passam por diversos processos violentos de apagamento, invisibilização, marginalização e exclusão (LÓPEZ-GÓMEZ; PLATERO, 2018).

À medida que diversas identidades sexuais e de gênero emergem publicamente, revela-se a natureza instável e fluída das pessoas. Esse fenômeno é frequentemente interpretado como altamente perturbador e carregado de implicações preocupantes por um setor conservador tanto do ponto de vista social quanto acadêmico no Brasil, que considera a diversidade identitária como desestabilizadora e uma ameaça à integridade e coerência dos seus conceitos, valores e modos de vida (LOURO, 2000).

Acerca disso, Weeks (1995) observa que essas identidades apontam para a presença de um fluxo contínuo, trazendo assim desafios suplementares. O autor salienta que essas pessoas dissidentes buscam escapar das classificações que tentam fixar sobre eles, o que culmina na proliferação de categorias de gênero diversas e na difusão das fronteiras entre elas, significando que as multiplicidades e ambiguidades dão origem a um amplo espectro de possibilidades para a organização social e promoção de debates que buscam afirmar as identidades marginalizadas (LOURO, 2000; WEEKS, 1995).

Os recorrentes ataques contra pessoas trans têm sido extensivamente debatidas em círculos acadêmicos, sociais e políticos, com registros em artigos, dissertações, teses e nas redes sociais, evidenciando que as formas de violência variam desde a demonstração de preconceito por meio ofensas em relação à aparência física e expressão sexual (DUQUE, 2013), até a violência institucional por parte do Estado, devido à

carência de políticas públicas que atendam às necessidades dessa população (AGUIÃO, 2014; FERREIRA; NASCIMENTO, 2022). Além disso, esses registros também ilustram um completo descaso pelas vidas das pessoas trans, visível nos múltiplos casos de homicídio (PODESTÀ, 2018; FERNANDES, 2013).

Diante das discussões em curso, fica evidente as adversidades enfrentadas por pessoas não-binárias devido à falta de reconhecimento de suas identidades, expressões de gênero e orientações sexuais. Isso expõe os efeitos prejudiciais das normas rígidas de gênero, as quais restringem a livre expressão e exigem conformidade, intensificando as dificuldades a ponto de resultar no isolamento e exclusão desses indivíduos que, por sua vez, veem oportunidades de vivenciar plenamente suas identidades e relações serem limitadas, culminando em processos de discriminação e violência que causam profundo sofrimento psíquico (DA COSTA, 2020).

Com a publicação do texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1976/1905) subverteu os esquemas tradicionais sobre a sexualidade humana ao distinguir-se da norma reprodutiva heterossexual como ideal de normalidade psíquica estabelecida pela psiquiatria, construindo seus contrapontos principalmente a partir da conceituação da pulsão sexual e dos estudos das chamadas perversões (AYOUCH, 2014). Apesar de seu pioneirismo ao explorar a sexualidade para além da norma biologizante, a herança do dispositivo médico da diferença sexual não ficou sem marcas na história da psicanálise, inclusive, Freud não escapou completamente dessas classificações normativas, perpetuando o modelo da diferença sexual por diversas vezes em sua teoria (AYOUCH, 2020; LIMA; VORCARO, 2020).

No impulso de contestar a naturalização de categorias julgadas como universais, como mulher ou homem, Ayouch (2019) argumenta que a capacidade de se hibridar com outros discursos é intrínseca à psicanálise e atravessa seus conceitos e sua epistemologia desde suas origens, uma vez que não faltaram diálogos com outros inúmeros outros campos do conhecimento. O autor salienta que o fenômeno da

transferência, essência da prática clínica, mostra-se como uma hibridez, pois é mútua e ambos saem transformados do encontro analítico. Assim, a hibridez mostra-se como uma abertura para a transformação, um devir gradativo que surge do encontro com a diferença (MARTINS, 2022).

Nesse contexto, as transidentidades questionam o ponto cego de teorias binárias, trazendo ao debate a necessidade de um reposicionamento teórico-metodológico que vise promover a participação direta dessa população na reconfiguração de teorias defasadas com o intuito de desconstruir possíveis efeitos patologizantes. Trata-se, também, de levar em conta contratransferências provocadas pelas questões transidentitárias na clínica e a partir de então pensar, junto com as pessoas trans, os chamados transtornos de identidade de gênero ou disforia de gênero no campo da psicanálise. Com frequência, equipes de profissionais de saúde mental se preocupam em curar uma experiência transgênera patologizada e negligenciam os transtornos motivados pelas discriminações (AYOUCHE, 2015).

A contratransferência pode ser entendida como “um conjunto de reações inconscientes do analista em relação ao analisando, sendo este último particularmente associado à transferência” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1996, p. 102). Sobre esse conceito, Winnicott (1993/1947) aborda a relação entre analista e paciente, enfatizando que o analista precisa passar por análise para aprimorar o trabalho analítico. O autor destaca a importância de reconhecer e lidar com emoções pessoais mesmo que contraditórias, como amor e ódio, que surgem como reflexos do inconsciente do analista diante da personalidade do paciente. Para Winnicott, a análise do analista visa entender e controlar essas reações inconscientes em relação ao paciente (DOS SANTOS; LIMA, 2017).

Ao discorrer acerca da clínica das transidentidades, Stona (2020) afirma que reconhecer a falta de conhecimento é uma abordagem ética apropriada, especialmente diante das interpretações equivocadas em termos contratransferenciais das demandas

específicas de gênero pelos analistas. Contudo, ainda segundo o autor, é interessante adotar uma escuta empática que incorpore aprendizado compartilhado, promovendo reflexão sobre memória e autonomia do paciente frente a violências estruturais, uma vez que quando os analistas não reconhecem suas limitações, se contribui para com essa violência.

Diante disso, faz-se necessário subverter o binarismo de gênero e estudar o gênero em psicanálise pela via da desnaturalização de verdades estabelecidas, compreendendo as múltiplas possibilidades para além do binarismo, pois é no rompimento dessas normativas que as pessoas não-binárias encontram espaços e ressignificam modos de ser e estar no mundo, recriando combinações e remanejando corpos e desejos (PRECIADO, 2014).

O presente trabalho objetiva discutir as perspectivas de psicólogos de orientação psicanalítica que atuam no estado do Amazonas ao que se refere às questões das transidentidades não-binárias, buscando explorar os desafios da clínica psicanalítica contemporânea em relação ao atendimento dessa população em específico.

Método

A pesquisa possui delineamento qualitativo, do tipo descritivo-exploratório. Participaram do estudo sete psicólogos com formação em psicanálise, sendo, três mulheres cisgêneras heterossexuais, uma mulher cisgênera bissexual, uma mulher cisgênera homossexual e dois homens cisgêneros heterossexuais com idades entre 24 e 43 anos, com experiência em atuação psicoterapêutica entre 9 meses e 18 anos nas esferas pública e/ou privada, residentes na cidade de Manaus e com grau de escolaridade variando de pós-graduações *latu sensu* (n=2), mestrado (n=4) e doutorado (n=1). Os critérios de inclusão foram ter formação superior em Psicologia com registro no Conselho Regional de Psicologia, atuar com intervenções psicoterapêuticas na esfera

pública e/ou privada, possuir experiência profissional de pelo menos seis meses e formação psicanalítica.

Os participantes foram recrutados por meio de cartão-convite divulgado nas redes sociais (*facebook, instagram, telegram e whastapp*) contendo os critérios de inclusão e dados para inscrição realização das entrevistas. Logo depois, os interessados preencheram um formulário de dados sociodemográficos na plataforma *Google Forms*. O formulário era composto pelas seguintes variáveis sociodemográficas idade, gênero, município, formação, instituição de atuação, abordagem psicoterápica, tempo de experiência, nível de escolaridade. Foram realizadas sete entrevistas individuais com cada participante, por meio de entrevista semiestruturada. As perguntas foram alternadas e modificadas de acordo com o andamento da entrevista para que informações detalhadas sobre alguns tópicos específicos possam ser obtidas.

Foi utilizado um roteiro de questões abertas com as seguintes questões disparadoras: 1. O que você entende por transidentidades não-binárias? 2. Você acredita que há espaço de acolhimento na clínica psicanalítica para essas pessoas que subvertem o sistema da diferença sexual? 3. Você acredita que a clínica psicanalítica é vista como um espaço hostil para essas pessoas? Justifique. 4. Você acredita que o fazer psicanalítico contemporâneo reforça o sistema binário da diferença sexual enquanto normal e contribui para a patologização daquele indivíduo que subverte esse sistema? Justifique. 5. Você acredita que, enquanto analista, você saberia lidar com as demandas de uma pessoa não-binária em clínica? 6. Quais os desafios do analista e da academia frente às questões evocadas por esses sujeitos?

Devido a pandemia de Covid-19, as entrevistas foram realizadas por meio da ferramenta digital *Google Meet*® com licença fornecida pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), os membros inscritos para participar do grupo receberam o *link* de acesso. No início das entrevistas foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em seguida foi encaminhado de modo online para assinatura, bem como cópia

por e-mail, assegurando aos participantes o conhecimento de todas as etapas da pesquisa. As entrevistas foram moderadas pelo primeiro autor que é não-binário, num tempo médio de uma hora de duração, a partir de um roteiro de perguntas. As atividades foram gravadas em vídeo e áudio, para posterior transcrição, e para fins de análise dos dados.

Para o presente estudo foi utilizado o Método de Interpretação dos Sentidos (GOMES, 2016) que se baseia em princípios hermenêutico-dialéticos que buscam interpretar o contexto, as razões e as lógicas de falas, ações e inter-relações entre grupos e instituições.

Na trajetória analítico-interpretativa dos textos foram percorridos os seguintes passos: (i) leitura compreensiva, com vistas ao desenvolvimento, à visão de conjunto e à apreensão das particularidades do material da pesquisa; (ii) identificação e recorte temático que emergiram das entrevistas; (iii) identificação e problematização das ideias explícitas e implícitas nos discursos; (iv) busca de sentidos mais amplos (socioculturais), subjacentes às falas dos sujeitos da pesquisa; (v) diálogo entre as ideias problematizadas, informações provenientes de outros estudos acerca do assunto e o referencial teórico do estudo; e (vi) elaboração de síntese interpretativa, procurando articular objetivo do estudo, base teórica adotada e dados empíricos

O presente projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal do Amazonas com parecer nº 4.224.154. Para apresentação dos resultados e proteção da identificação dos participantes da pesquisa, optou-se por utilizar nomes de autores da história da psicanálise nacional e internacional (Hermann Rorschach, Marie Bonaparte, Jean Laplanche, Sabrina Spelrein, Adelhein Koch, Karen Horney e Virgínia Bicudo) para respeitar o sigilo da pesquisa.

Resultados e Discussão

A partir da análise dos dados, foram categorizados os seguintes sentidos, (1) Invisibilidade identitária; (2) Formação em psicanálise e questão ética; e (3) Saídas para um fazer clínico “desbinarizante”.

Constata-se que uma proporção substancial, excedendo cinquenta por cento dos participantes, exibiu afiliação profissional de níveis aprofundados de instrução acadêmica no formato de programas de pós-graduação. Este notável contingente de profissionais evocam uma orientação psicanalítica que se destaca, de maneira distintiva, em comparação ao arcabouço convencional disseminado por instituições de cunho mais tradicional.

Invisibilidade Identitária

Os profissionais entrevistados manifestaram através de seus relatos certo desconhecimento no que diz respeito a uma compreensão aprofundada sobre as transidentidades não-binárias. Assim, é possível identificar a existência de um processo de invisibilidade dessas identidades não somente no campo clínico da psicanálise, mas, de uma forma geral, nas diversas instituições que compõe uma sociedade cisgênera.

Eu ouvi falar pouco, assim, sobre. Porque a gente sabe que na UFAM é bastante presente a questão da sexualidade, a questão de gênero, mas pra isso é preciso trilhar por esse caminho, ou seja, por pesquisa, seja por outras coisas. E acabou que eu não tive oportunidade de trilhar esses caminhos né. E acaba que a gente não tem disciplinas obrigatórias pra isso. (Laplanche)
(...) Eu não lembro disso, pelo menos não me ensinaram na graduação. Não ouvi ninguém falar sobre isso, eu tive que ir atrás né? Então assim, quando eu digo ir atrás é como se eu dissesse assim: tá acontecendo as coisas, as discussões e a gente que talvez esteja por fora, então a gente tem que ir atrás. Então eu acho que tá acontecendo esses debates, é... eu acho que não chegue em todo mundo da psicanálise, o que é uma pena, e isso é culpa dos

psicanalistas mesmo que provavelmente estão estudando pouco né? É... tem isso, estão estudando pouco. (Rorschach)

(...) Quando eu ouvi falar sobre essa ideia foi mais próximo ali de um momento do mestrado. (...) No mestrado a minha dupla, que era uma moça, o trabalho dela era sobre transexuais. Então, o público da pesquisa dela eram transexuais e daí a gente debatia muito os assuntos e ela disse que ela tava lendo, que ela tava estudando né... e a gente trocava muita figurinha ali mais de um lado da Judith Butler, alguma coisa nessa pegada assim. Mas assim, na minha graduação não ouvi quase nada, por exemplo, aí eu acho um pouco uma falha da graduação né (...). Então assim, quando eu lia sobre isso era uma coisa muito individual, pessoal tipo: "Eu quero ler sobre isso, eu quero saber sobre isso, eu quero aprender" ou "Eu tenho uma parceira ali que tá estudando sobre isso" e aí você acaba né... debatendo. Então, quando eu vi foi por conta de colegas. (Rorschach)

Dessa forma, propõe-se pensar a cisgeneridade como um mecanismo sócio-histórico concebido por meio de dispositivos biopolíticos, amplamente explorados na psicanálise, que regulam aquilo que é entendido como feminino ou masculino, patologizando e submetendo às margens aqueles sujeitos que não se inserem nesses gêneros binários inteligíveis (PORCHAT, 2020; RODRIGUES, 2016). A maioria das publicações em psicanálise sobre transidentidades foram produzidas por teóricos que tinham como base o entendimento epistemológico e clínico dessas identidades como concebidas no campo da psicose ou da perversão, em uma intensa preocupação com sua etiologia, partindo do pressuposto da cisgeneridade binária como norma (HERCULINO, 2021).

Ele (Freud) denomina como normal é... o homem ou mulher. Tudo que passa daquilo acaba sendo, esqueci qual a palavra que ele utiliza... "bizarro", alguma coisa assim, alguma ideia assim. (...) Então ele acaba trazendo tipo tanto o sexo em si como o normal, como sendo pênis e vagina e tudo além disso acaba sendo esse "bizarro" né. (...) Então a gente vê que ele denominava isso né. Tanto que perversão, a gente sabe que se a gente for seguir o modelo de estrutura psicanalítica já pega um outro sentido. Perverso é tudo aquilo que foge do normal, pelo menos nesse "Os três ensaios da sexualidade". Então a gente vê o quanto que tem isso ali presente na psicanálise, na base psicanalítica. (Laplanche)

Essa perspectiva demonstra uma certa incompreensão cisnormativa onde não é reconhecido que as interpretações dos processos de subjetivação estagnados no clássico

“pai fraco” e “mãe simbiótica” podem auxiliar na manutenção da concepção dos gêneros binários enquanto naturais, situando as experiências trans dentro de um quadro psicopatológico (JESUS, 2014; STONA, 2020). Há ainda uma ausência de informações sobre o bem-estar dos indivíduos dessa população e outros elementos sobre a condução da prática clínica, bem como a transferência e a contratransferência (STONA, 2020).

Eu acho que falta conhecimento da área para poder dar conta dessas novas demandas né... falta estudo mesmo. Assim, mas eu acho que sim, eu acho que tem muito espaço e tem um trabalho riquíssimo que pode ser feito. Eu acho que é um trabalho que tá muito insipiente ainda dentro da clínica psicanalítica né. A gente não encontra uma gama de teoria, uma riqueza de muitas coisas em termos de teoria pra poder entender, né. (...) Falta conhecimento, acho que a gente tem que buscar conhecimento pra poder acolher com mais tranquilidade. (Horney)
(...) Dentro da psicanálise, que tem tudo a ver, a gente não encontra muita literatura disso, principalmente porque na psicanálise na época lá que a gente vai pesquisar, de 1800...1700... que a gente vai entender os recursos que a gente leva pro resto da vida como base né. Não tô dizendo assim como alguma coisa limitante, mas como base, isso deixa a desejar né. (Bonaparte)

As violências causadas pelo não reconhecimento clínico, teórico e ético em relação às transidentidades podem ter como consequência uma escuta patologizante e desqualificante das experiências trans. Portanto, é necessário ampliar os saberes que garantam o reconhecimento das experiências subjetivas de pessoas não-binárias frente aos limites teóricos da psicanálise ao se deparar com o rompimento do paradigma do gênero binário na sociedade e consequentemente na clínica (AYOUCH, 2016).

Formação em Psicanálise e Retorno à questão Ética

A formação em psicanálise é definida como um processo educacional e técnico que ocorre em um contexto institucional específico, representando um dos pilares estruturais mais intrincados dentro do âmbito psicanalítico. Esse processo formativo é

permeado por diversas tensões que persistem até os tempos atuais, exercendo influência sobre a configuração dos espaços institucionais nos quais ele se desenrola (MARAZINA, 2015).

Os estudos de gênero são como “um campo de silêncio do currículo oficial” (PARAÍSO, 1997, p.24), uma vez que, no processo acadêmico, essa área do conhecimento continua recebendo pouco reconhecimento em relação a outras áreas de formação, de forma que suas produções teóricas vêm sendo constantemente deslegitimadas a partir de uma justificativa conservadora de que política não cabe à ciência (PARAÍSO, 1997).

Na faculdade, a gente vê só um pequeno pedaço de todo um infinito de conhecimento né, então é a gente que tem que buscar, é da gente que tem que partir esse desejo né... é... então acredito que esse é um ponto assim que pesa muito na clínica né... a gente tem que buscar, a gente tem que ir atrás. Então, as demandas vão surgir e essas demandas elas vão necessitar esse estudo, vão necessitar essa pesquisa, vão necessitar desse aprofundamento né. (Laplanche)

(...) A transmissão deveria fazer parte porque tudo que nós recebemos, nós aprendemos eu acho muito importante a gente... mandar pro mundo, né? Pra um aluno, num artigo, num projeto... Eu acho que a gente tem que beneficiar uma comunidade, eu acho que a gente tem que também estar disposto a isso. Por isso eu acho que tem que se comunicar sempre... É interessante assim, Freud sempre quis que andasse pela universidade, ele nunca quis que ficasse fechado, mas que a psicanálise entrasse pelo viés das universidades. (Spielrien)

Segundo Ayouch (2019), uma psicanálise interessada somente em si seria anti-psicanalítica, pois almejaria ser ou ter uma identidade definida, confrontando a ética da transformação e do encontro. Ao reconhecer sua própria hibridez, a psicanálise contribui para a escuta de sujeitos minorizados pelos discursos dominantes, pois não se fecha em si mesma e busca compreender e atentar-se ao caráter inerentemente relacional do processo analítico. Logo, os analistas não podem deixar de reconhecer a sua própria inscrição social, bem como a da teoria, não temendo as transformações sociais, mas com

elas encontrando-se e, conseqüentemente, sendo capaz de escutá-las (AYOUCH, 2019; MARTINS, 2022).

Tem uma coisa muito elitizada na psicanálise que é outra coisa que tá sendo batido demais né? São as sociedades, os grupos... ficam aqueles senhores lá né... ali todos se auto bajulando, ninguém que é de fora entra... se você não for de uma sociedade lá formado de 5 a 10 anos com eles lá você não consegue nem falar, abrir a sua boca. E vai contra o discurso deles que é um discurso completamente né... pseudo-popular, aberto, sei lá o que né... Então assim, tem esse papo... estamos estudando isso, mas ele tá fora, eu acho do... dessa coisa elitizada que a psicanálise se encontra, então assim, me parece que tá tendo uma guerra aí né? Não sei o que vai acontecer. (Rorschach)
É o que acontece muito, assim... tem pessoas que são muito seletivas, pegam aquele grupo e ficam e se fecham muito. Eu vejo que o profissional perde muito porque nós precisamos... a gente tem que não se fechar pro novo, pra intelectualidade, pra abrir... Eu acho que na nossa profissão se nós nos abrimos... quanto mais nos abrimos mais a nossa clínica se enriquece, entendeu? (...) Acho que a gente tem muito, acho que a gente ainda tem muita dificuldade de ser ousado, né... a gente tem muito medo. Então a gente, querendo ser aceito num grupo, a gente acaba dizendo sempre as mesmas coisas, mas acho que a psicanálise tem muito a contribuir sim, a partir do momento que o profissional começar um pouco a ousar, a pensar sobre isso... (Spielrein)

A partir dos dados coletados, surgiu uma questão que conduziu esse tópico em específico, que seria: como superar o conservadorismo teórico na psicanálise? Sobre isso, Quinet (2017) propõe a reflexão: se Butler criticou a psicanálise a caracterizando como heteronormativa e machista, foi certamente porque os analistas assim não o fizeram. A visualização da intenção dos entrevistados em superar abordagens conservadoras se mostra como uma solução que poderia ser descrita como simplista no tocante à mitigação do problema, uma vez que, a fim justificar uma carência conceitual e preencher as lacunas teóricas, buscam recorrer a uma suposta neutralidade ética em psicanálise, ilustrada pelo inconsciente autônomo.

A ética em psicanálise é um dispositivo que busca viabilizar o discurso do sujeito sobre si mesmo, de forma que possa relatar livremente seus ideais e a sua história, expondo as opressões que o transpassam em um lugar acolhedor e seguro onde

o profissional não tome suas experiências a partir de um lugar comum patológico, mas que valorize sua autodeterminação através da escuta (STONA, 2020).

(...) O desafio dos analistas me parece que é uma coisa que entra mais na gente, na gente analistas né, que é tentar fazer qualquer outra coisa ficar fora da análise. Qualquer outra coisa: opinião pessoal, um preconceito, se tiver, um que mais? Deixa eu ver... opinião pessoal, senso comum, preconceito, algum estereótipo, algum... deixa eu ver outra coisa... um lugar comum ele é pior que o senso comum eu acho. Um lugar comum, porque o lugar comum são aquelas frases feitas, e assim, os analistas, os psicólogos, enfim, até pra eu ir além da abordagem... É muito difícil quem tá atendendo, as vezes, não cair num lugar comum: "É assim mesmo...", "Eu sei como é que é...", "Eu sei como é que você se sente...". Isso é uma angústia, isso tem me incomodado bastante, vou te dizer porquê. Eu tenho percebido algumas pessoas com essa fala, né: "Ah, eu tô vindo aqui... você é o quinto psicólogo que eu vejo esse ano porque as pessoas que estão me atendendo eles ficam falando palavras assim...". A pessoa é uma mulher e aí a terapeuta é uma mulher e fala: "É assim mesmo, mana... É assim mesmo, mana...", "Se relacionar é assim...", "Homem é assim...". Sei lá, qualquer frase dessas né. É senso comum, é lugar comum. Cê imagina... se tá saindo essas frases assim numa sessão que não tem nada demais, cê imagina se for uma questão pontual né sobre não binarismo, cê imagina o que que esse psicólogo vai fazer, o quanto ele vai falar que não faz o menor sentido, né? Então assim o desafio pra mim é esse. É os psicólogos, os analistas não caírem num lugar comum dentro da análise como falas clichês que no caso não binário vai fazer menos sentido ainda. (Rorschach)

Nos relatos, ainda que a abordagem em questão exibiu um compromisso ético na tentativa de legitimar as experiências singulares dos indivíduos, verificou-se um discurso de que, na clínica, não se escuta sujeito binário ou não-binário, mas sujeitos inconscientes. Podemos traçar uma pergunta norteadora no que se refere ao tema: é possível renegar as circunstâncias sócio-históricas de regulação das subjetividades de pessoas não-binárias para sustentar o argumento da neutralidade do inconsciente?

(...) O inconsciente ele não tem sexo, o inconsciente ele não tem uma denominação, ele é só aquilo né, uma coisa, vamos dizer assim. Então, dentro da clínica em si, eu vejo que existe esse espaço de acolhimento né, até mesmo da clínica com base na psicologia em si porque a psicologia ela tem esse código de ética e o código ética. Eu acredito que ele acolhe todos os tipos, ele acolhe todas as pessoas, todas as sexualidades, todas as preferências. Então eu acredito que é acolhido sim a partir... e até mesmo na base pós-freudiana. (Laplanche)

Eu acredito que seria uma forma de lidar com o inconsciente. Assim como qualquer outro paciente, o paciente vem e, como eu falei, a gente tá ali como uma folha em branco. A gente esquece... porque assim, na teoria do Bion, a gente vê muito “esquece a teoria”, quando eu disse "sem desejo, sem memória", a gente esquece todo o tipo de teoria pra colocar em cima do paciente porque acaba que se a gente entrar ali com a teoria acaba sendo um desejo nosso de querer encaixar o paciente a alguma coisa, que já foi um erro do Freud né. (Laplanche)

(...) Antes de ela ser algo que se considere não binária ela é um ser humano né... dotado de subjetividade. (...) Eu acho que se o psicólogo na sua prática se ele tiver ciente que antes de qualquer técnica que ele precisa ter isso como embasamento, ele tá na frente de um ser humano e as vezes é o próprio paciente que nos traz, digamos, como conduzir. (Bonaparte)

(...) Cada um é cada um, cada um vai ter a sua singularidade independente de ser binário ou não binário, preto, branco, gordo, magro... né? Eu acho que tem toda uma discussão aí... nem sei se é pertinente falar, mas eu vou falar... (Horney)

Muitas vezes, o analista corre risco ao acreditar que existe um âmbito completamente independente da psique, que pode ser interpretado como se o que ocorre no interior da transferência fosse algo desagregado de uma conjuntura sócio-histórica que pode ser consequência da noção de realidade que ocorre desde as obras iniciais de Freud, onde se questiona sobre as marcas do mundo externo no inconsciente (PORCHAT, 2014).

A escuta adequada das pluralidades trans possibilita ao indivíduo encontrar um espaço inteligível de reconhecimento para sua identidade, seu corpo e seus desejos. Compreender que a história do sexo, da sexualidade e do gênero contribui para o entendimento dessas identidades inseridas em uma estrutura de poder com interesses biopolíticos de controle social que fundamenta a naturalização cultural da cisgeneridade binária também pela via psicanalítica. É necessário partir da ruptura de um ideal binário

de sexo/gênero pré-discursivo, natural, inquestionável e a-histórico e de um olhar normatizador dos corpos e desejos e perceber que podemos estar diante de novas modalidades de corpos que talvez não possam ser apreendidos pelos mapas classificatórios contemporâneos (PRATES, 2018; STONA, 2020). Pelo relato abaixo é possível fazer essas reflexões.

Eu acho que a própria psicanálise é uma subversão. Então, eu acho que quem não assume um posicionamento de subversão não tá fazendo psicanálise, eu acho que a gente pode começar nesse ponto. (...) Freud, Lacan seguiu isso... Quem assume o posicionamento de psicanalista, de estudar psicanálise com uma ética. (...) Eu acho que são essas posturas que deveriam cair, essas posturas enrijecidas, fixas, antigas... Eu acho que essas posturas deveriam ser revistas né dentro da própria psicanálise, de quem tá exercendo a ética da psicanálise, que eu acho que isso faz parte da ética da psicanálise que é você criticar, é você procurar saber sobre. (Koch)

A psicanálise pode fornecer uma vigorosa crítica à normatização e a regulação social ao observar o modo como o poder social toma forma na psique, embora não deixe de haver analistas que “acreditam que a psique tem suas próprias regras, é autônoma e isolada do mundo exterior, o que seria um absurdo” (KNUDSEN, 2018, p. 458). Concomitantemente, os estudos *queer* têm a capacidade de expandir a psicanálise a seus limites, suscitando a busca, em suas brechas, das condições de compreensão do campo indefinido e sem fronteiras dos gêneros não-binários (PORCHAT; SANTOS, 2021).

Pode haver no processo clínico de analistas cisgêneros em relação a pacientes trans uma intensa ansiedade que tende a promover contratransferências transfóbicas acentuadas, pois as subjetividades e corpos trans “lembram o que perderam – tanto o que poderiam ter tido como o que nunca alcançarão” (KNUDSEN, 2018, p. 493). No tocante a isso, apesar da importante tentativa de transcender tais postulações, foi possível perceber uma dificuldade de implicação dos analistas em relação às questões

levantadas nas entrevistas sobre o atendimento a pessoas trans não-binárias, de forma a recorrerem a neutralidade ética, anteriormente citada, como uma forma de evasão.

(...) A gente vê que poucos psicólogos se colocam nessas discussões, então logo quando a gente percebe que talvez poucos se coloquem, a gente se pergunta: será que tem pessoas que estão preparadas já que poucos se colocam pra essas discussões? Poucos talvez se preocupem com essa questão né e com questões similares. (Bonaparte)

A partir da observação desse impasse, o caminho para lidar eticamente com as identidades não-binárias/es não é somente desconstruir os saberes psicanalíticos sobre a etimologia e/ou funcionamento das transidentidades, mas também de investigar a ansiedade contratransferencial provocada por essas identidades subversivas em diversos analistas.

Saídas para um Fazer Clínico “Desbinarizante”

Uma ruptura ocorre quando se nota que um sistema que busca elucidar uma totalidade parece abarcar somente um único segmento. Logo, as identidades não-binárias geram uma importante ruptura epistemológica e clínica, revelando que o gênero binário é apenas um dentro de uma multiplicidade de possibilidades (AYOUCH, 2015). Dessa forma, é necessário aprimorar clínica psicanalítica de forma interdisciplinar, como apontam os entrevistados, que estimule a subversão de paradigmas teóricos, o que não significa o afastamento total da teoria, mas considerar os processos de normatização social sem produzir patologização.

Vale pontuar que é importante aperfeiçoar o fazer clínico em direção a uma proposta que caminhe juntamente com os avanços epistemológicos, na medida em que vão se debatendo os impasses entre as identidades não-binárias e a psicanálise a fim de

romper os conceitos historicamente construídos da diferença sexual, complexo de Édipo e sexuação (STONA, 2020).

De acordo com os profissionais entrevistados, para o êxito desse movimento de aprimoramento da escuta na clínica psicanalítica, é preciso levar em consideração os estudos de gênero contemporâneos, bem como as diversas contribuições científicas considerando a transdisciplinariedade.

Então... é aquilo de resistência e de quase que uma cisão, assim, da realidade e talvez questionar um pouco da formação dos psicanalistas como algo de uma jornada muito interna, de um compromisso muito grande, de um fazer artesanal, mas ao mesmo tempo... esse analista e o futuro analisando dele não existem no vácuo, eles não são ilhas que não se relacionam com nada, eles estão dentro de um contexto sócio-histórico que têm os próprios relevos e tudo mais e isso vai afetar no sofrimento deles. Então, pelo menos eu tenho percebido um movimento de sociedades importante e de analistas começando a questionar por que que a psicanálise não tá tão implicada com a sociedade, com a contemporaneidade, com os movimentos sociais e isso é muito rico... E eu tô vendo isso com a questão da raça, mas eu acho que vai... que também tá se passando com as questões de gênero, desigualdades sociais e... outras problemáticas... tá travado, mas tá acontecendo. (Bicudo)

(...) A gente ainda tá nessa fase de, digamos, descoberta né e aplicação de tudo que a gente conhece, que a gente tá conhecendo para o lado científico, para esse lado de descoberta, pra englobar, pra gente conseguir é... fazer o máximo possível de algo que seja... que a gente construa a ciência aliada a isso, que são as mudanças sociais que a gente tem observado né. (Bonaparte)

Eu acho que na questão do discurso, do entendimento... Eu acho que é necessário um diálogo com outras áreas: da filosofia, das ciências sociais, né... da educação, das ciências de saúde, de um modo geral. Eu acho que esse diálogo ele é necessário, assim, porque a gente não é único né... A gente não sabe tudo e... a pessoa não vive num único ambiente então eu acho que precisa trocar, precisa dialogar sempre. (Horney)

Com o apoio dos movimentos trans, os sujeitos não binários se mostram cada vez mais visíveis e autônomos para questionar as ambivalências de práticas binaristas, reiterando que não podem ser compreendidos como categorias essencialistas. Logo, faz-se necessário cultivar um reposicionamento epistemológico que objetive alçar as pessoas não-binárias/es a uma posição de protagonismo em relação às suas vivências,

incluindo-as diretamente na reconstrução das teorias acerca de suas próprias existências (AYOUCH, 2015).

Compreende-se que comportamentos possivelmente hostis de analistas que buscam reforçar continuamente a mesma defesa de pressupostos psicanalíticos clássicos, desvela uma profunda ansiedade em relação a essas identidades. Os profissionais entrevistados acreditam que esse processo de subversão precisa também partir dos analistas, auxiliados pela análise pessoal, para saberem lidar com suas próprias questões e entendimentos das dinâmicas de gênero, de forma a evitar contratransferências que geram um ambiente clínico tóxico.

(...) Tem as questões que são base da psicanálise né... que a gente tem que tá em análise pessoal porque surgem conteúdos também, surgem demandas internas... na transferência, na contratransferência... e que somente um terapeuta, um psicólogo, um analista... tendo seguido o tripé psicanalítico, fazendo a sua análise pessoal também... eu acredito que ele esteja preparado para dar prosseguimento a aquela análise. (Laplanche)

Eu acho que o desafio maior é o próprio analista e a forma como ele conduz a sua vida, enquanto analista e enquanto ser humano. Assim... Então, um analista sem uma análise pessoal, muito apegado às questões teóricas talvez tenha muitas dificuldades e seja muito desafiador lidar com essas questões, né... um analista mais aberto, analisado e, enfim, que viva a sua clínica na totalidade e a teoria é um amparo a isso, eu acho que transita com mais facilidade. Então assim, eu acho que o outro desafio que me ocorre também é a coisa de ser tudo muito novo. Então, requer, de novo, ir atrás, procurar... e pesquisar e entender que cada um é cada um e não dá pra despachar e botar tudo ali numa caixinha e tratar todo mundo do mesmo jeito não vai funcionar... Então, assim, acho que em termos de desafio é o novo né... que quem não foi atrás de buscar sobre o tema, buscar conhecimento e se debruçar sobre isso tem uma dificuldade... e a questão do analista consigo mesmo e da forma como ele conduz a sua vida e a sua clínica... Eu acho que essa é uma dificuldade. (Horney)

Uma escuta “desbinarizante” e subversiva questiona os pressupostos binários de gênero no campo psicanalítico e promove um progresso não só clínico, mas também teórico, baseado na compreensão de processos sócio-históricos de forma

transdisciplinar, abandonando a antiga conjuntura narcisista e isolacionista observada entre muitos psicanalistas.

Considerações Finais

A investigação dos diferentes pontos de vista de profissionais da psicologia implicados na clínica psicanalítica sobre a temática das identidades não-binárias, fomenta, de forma extensiva, os debates contemporâneos de gênero no campo da psicanálise no estado do Amazonas. Com isso, as particularidades das vivências não-binárias possibilitam a experimentação do corpo e o rompimento de normas dualistas previamente estabelecidas, criando formas de subjetividade que reivindicam visibilidade, emancipação e legitimação nos mais variados espaços, principalmente aqueles que se denominam como espaços de subversão e acolhimento de individualidades, como é o caso da psicanálise.

A partir dos relatos, percebe-se uma dificuldade de compreensão das identidades não-binárias que, apesar de haver um esforço para desafiar a norma, revelam um processo anterior de invisibilização dessas identidades, fenômeno este que é relacionado com processos sócio-históricos, biopolíticos e culturais que determinam o gênero binário como uma categoria primordial e a-histórica. Findam, então, por provocar um desacordo em relação às demandas subjetivas de sujeitos que subvertem esse sistema através de uma desvalorização sistemática em diversas esferas sociais e institucionais, inclusive na clínica. Dessa forma, a patologização das identidades não-binárias mostra-se como um dos pilares do ordenamento do regime heterossexual do gênero binário no que se trata das práticas médico-psiquiátricas e psicológicas modernas.

A adesão de um discurso mais crítico relacionado a uma ética neutra em psicanálise mostrou-se presente nos discursos, porém este pode ser interpretado como caracterizante da clínica como um ambiente de escuta isento, onde somente é levado em

consideração o inconsciente subjetivo da pessoa, que por sua vez é visto como autônomo e neutro, não subordinado aos regimes de poder do mundo externo. Logo, nota-se que esse ponto de vista pode culminar na dificuldade do reconhecimento dessas identidades em seu caráter mais amplo na clínica.

As instituições formadoras revelam-se falhas quando renunciam sua capacidade subversiva para defender veementemente fundamentos cristalizados das teorias da psicanálise clássica, fechando-se para os estudos contemporâneos de gênero de forma a somente retroalimentar seu próprio narcisismo acadêmico, impulsionando um compromisso institucionalmente binário das universidades e outras instituições formadoras.

É possível apostar em uma clínica de ruptura atrelada a uma elaboração transdisciplinar junto a outras áreas do conhecimento e aos movimentos sociais de emancipação, que reflita acerca desses processos de normatização social e subjugação dessas identidades que subvertem o regime da diferença sexual, a fim de desconstruir o modelo clínico hegemônico em psicanálise. Um processo de ruptura próspero necessita da ação dos analistas, auxiliados pela análise pessoal, para que desenvolvam mecanismos para evitar as violentas contratransferências prejudiciais para o progresso de uma clínica comprometida com o reconhecimento e emancipação das identidades não-binárias.

Essa pesquisa é uma voz subalterna que objetiva aprimorar a clínica psicanalítica de forma a reconhecer e valorizar em sua totalidade as diversas experiências trans visando o empoderamento desses indivíduos historicamente privados até mesmo do direito básico da inteligibilidade, uma vez que a linguagem é apropriada pela cisgeneridade.

Em síntese, as trocas de informações e as discussões levantadas através desse estudo, tornaram possível a concepção de uma perspectiva transgressora para a clínica psicanalítica através do constante questionamento do regime binário de gênero em um

contexto de desvalorização dos estudos de gênero e *queer* como consequência da escalada de discursos conservadores e violentamente reacionários no país.

Referências

- AGUIÃO, S.; VIANNA, A.; GUTTERRES, A. Limites, espaços e estratégia de participação do movimento LGB nas políticas governamentais. *In*: LOPES, J. S. L.; HEREDIA, B. M. A. (Orgs.). **Movimentos Sociais e esfera pública: o mundo da participação**. Rio de Janeiro: CBAE, 2014.
- AYOUCH, T. A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 48, p. 58-70, 2014. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01511348/>>. Acesso em: 10 de ago. de 2022.
- AYOUCH, T. Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. **Percursos**, n. 54, p. 23-32, 2015. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01498414/>>. Acesso em: 28 de ago. 2021.
- AYOUCH, T. Epilogue: Are Gender and Race Psychoanalytic Issues? **Psychoanalytic Inquiry**, v. 40, n. 8, p. 680-685, 2020. Acesso em: <<https://doi.org/10.1080/07351690.2020.1827677>>. Acesso em: 28 de ago. 2021.
- AYOUCH, T. **Psicanálise e hibridez: Gênero, colonialidade e subjetivações**. Calligraphie, 2019.
- AYOUCH, T. Quem tem medo dos saberes T.? Psicanálise, estudos transgêneros, saberes situados. **Revista Periódicus**, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17171>>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- BERNINI, L. Macho e fêmea Deus os criou!? A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 5, n. 06, 2012.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8ª ed. Tradução de R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; CONSELHOS REGIONAIS DE PSICOLOGIA; CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS. **Referências técnicas para atuação de psicólogas, psicólogos e psicólogues em políticas públicas para população LGBTQIA+**. Brasília: CFP, 2023.
- DA COSTA, M.S. **Gênero e identidade(s) na contemporaneidade: os desafios do não-binário**. 2020. 133 p. Tese de Mestrado em Sociologia - Universidade Federal do Goiás, Goiânia, 2020.
- DOS REIS, N.; PINHO, R. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 7-25, 28 abr. 2016.
- DOS SANTOS, F. A.; LIMA, E. **TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA: A EVOLUÇÃO DO CONCEITO E SUA PRÁTICA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**. Revista Uningá, [S. l.], v. 51, n. 2, 2017. DOI: 10.46311/2318-0579.51.eUJ1347. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/1347>. Acesso em: 29 ago. 2023.
- DUQUE, T. **Gêneros incriveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Campinas, SP: [s.n.], 2013.
- FERNANDES, F. B. M. Assassinatos de travestis e “pais de santo” no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, pp. 485-492, 2013.
- FERREIRA, B. O.; NASCIMENTO, M. A construção de políticas de saúde para as populações LGBT no Brasil: perspectivas históricas e desafios contemporâneos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 10, p. 3825-3834, out. 2022. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/csc/a/kKYtxMMmQnCrCSvfbrMnkDc/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 de ago. de 2022

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S., DESLANDES, S. F., GOMES, R., organizadores. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes; 2016. p. 73-94.

GONÇALVES, E. **Gênero e Identidade(s) na contemporaneidade**: os desafios do não-binário. 2020. 100 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil.

HANSBURY, G. Unthinkable Anxieties: Reading Transphobic Countertransferences in a Century of Psychoanalytic Writing. **TSQ: Transgender Studies Quarterly**, v. 4, n. 3-4, p. 384-404, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1215/23289252-4189883>>. Acesso em: 28 de ago. 2021.

HARTEMANN, G. Nem ela, nem ele: por uma arqueologia (trans*) além do binário. **Revista Arqueologia Pública**, v. 13, n. 1[22], p. 99-115, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/rap.v13i1.8654589>>. Acesso em: 28 de ago. 2021.

HERCULINO, B. M. **Discurso e psicanálise**: efeitos de corpo nas transidentidades. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2021.

JESUS, J G. D. **Transfeminismo**: teorias e práticas. Metanoia, 2014.

KNUDSEN, P. P. **Três respostas aos gêneros “não binários”**. São Paulo: Revista Cult, 2021.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LIMA, V. M.; VORCARO, A. M. R. O Pioneirismo Subversivo da Psicanálise nos Debates de Gênero e Sexualidade. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 40, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003192180>>. Acesso: 28 de ago. 2021.

LÓPEZ-GÓMEZ, I.; PLATERO, L. ¿Faltan palabras! Las personas trans* no binarias en el Estado español. **Ex aequo**, n. 38, p. 111-127, 2018.

LOURO, G. L. (Organizadora). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARAZINA, I. V. A questão da formação: um percurso histórico. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 48, n. 89, p. 245-254, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000200019&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 ago. 2023.

MARTINS, P. G.; O espaço da diferença: a psicanálise híbrida de Thamy Ayouch. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 25, n. 1, p. 246-250, jan. 2022.

MONEY, J; HAMPSON, J. G.; HAMPSON, J. L. Hermaphroditism: Recommendations concerning assignment of sex, change of sex, and psychological management. **Bulletin of the Johns Hopkins Hospital**, 97, p. 284-300, 1955.

PALMIERE, J. A. F; BERNARDES, A. G. Produzindo Corpos Trans: Cartografia pelo Território Virtual do YouTube em uma Perspectiva Pós-colonial. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 94-115, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/epp.2021.59371>>. Acesso em: 28 de ago. 2021.

PARAÍSO, M. A. Gênero na formação docente: campo de silêncio do currículo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 102, p. 23-45, 1997. Disponível em: <<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/738>>. Acesso em: 10 de ago. de 2022

PODESTÀ, L. **Os usos do conceito de transfobia e as abordagens das formas específicas de violência contra pessoas trans por organização do movimento trans no Brasil**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia, 2018.

- PORCHAT, P. Barulhos de gênero. In: FRANÇOIA, Carlos; PORCHAT, Patrick; CORSETTO, Paola (Orgs.). **Psicanálise e gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina**. Calligrafie, 2018, p. 35-43.
- PORCHAT, P. **Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler**. Editora Juruá, 2014.
- PORCHAT, P.; SANTOS, B. “Are we safe analysts?” Cisgender countertransference fantasies in the treatment of transgender patients. **The Psychoanalytic Review**, v. 108, n. 4, p. 411-431, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1521/prev.2021.108.4.411>> Acesso em: 28 ago. 2021.
- PRATES, A. P. **Gozar de boneca: Mapas anatômicos e genéticos não localizam o gozo feminino**. In: FRANÇOIA, Carlos; PORCHAT, Patrick; CORSETTO, Paola (Orgs.). **Psicanálise e gênero: Narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina**, 2018, p. 51-62.
- PRECIADO, P B. **Testo junkie - sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n. 1 Edições, 2018.
- PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n.1. Edições, 2014.
- QUINET, A. Homofobias psicanalíticas. In: QUINET, Alain; FOMIGONI, Martha C. (Orgs.). **A diferença sexual: gênero e psicanálise**, 2017, p. 29-41.
- RODRIGUES, G. V. Escutando transidentidades na psicanálise: Potencialidades subversivas. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 5, p. 171-184, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.9771/peri.v1i5.17183>>. Acesso em: 28 de ago. 2021.
- SIMAKAWA, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2015.
- STONA, J. Ensaio para uma escuta não cisonormativa na psicanálise. In: **Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/65137>>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- WEEKS, J. **Invented moralities: sexual values in an age of uncertainty**. Nova York: Columbia University Press, 1995.
- WINNICOTT, D. W. O ódio na contratransferência. In: **Textos selecionados: da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

The Psychoanalytic Clinic Facing Non-Binary Transidentities

Abstract: The present study aims to discuss different perspectives of psychoanalyst psychologists regarding non-binary transgender issues in order to explore the challenges of contemporary psychoanalytic clinical practice in providing care to these individuals. Semi-structured individual interviews were conducted with seven professionals. The data were analyzed using the Method of Interpretation of Meanings to identify the contexts, reasons, speech logics, and interrelationships narrated by the participants. The results indicated pronounced countertransference, making it possible to observe analysts distancing themselves from these demands by resorting to a presumed ethical neutrality. It is necessary to abandon old narcissistic and isolationist frameworks in order to allow the recognition and emancipation of non-binary individuals.

Keywords: Psychoanalytic Clinic. Non-binary Transgender. Gender. Sexuality.

Recebido: 16/06/2023

Aceito: 30/08/2023